



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1406

Sobre a complexa relação entre humanos e não humanos: reflexões antropológicas sobre desdobramentos possíveis entre medicina humana e medicina veterinária

Rosimery Medeiros de Mello

Resumo: A partir dos anos de 1970 a fronteira natureza e cultura passou a ser repensada pela antropologia, estabelecendo um novo debate que coloca em perspectiva uma nova maneira de se pensar as categorias humanidade e animalidade. Essa relação estabelecida entre humanos e não humanos vêm de longa data na história da humanidade, sofrendo transformações nas últimas décadas, estreitando as relações entre humanos e os animais hoje chamados “domésticos”. Estudos recentes têm demonstrado que esses animais compartilham de hábitos, casas, alimentação, problemas de saúde – como depressão e obesidade – necessidades e tecnologias humanas. Essa pesquisa ainda em andamento tem por objetivo analisar estudos recentes da medicina veterinária ao qual estão em debate as questões relacionadas e compartilhadas entre humanos e animais de estimação, principalmente, aquelas que envolvem o compartilhamento de doenças, medicalização, tratamentos e comportamentos. Destarte, os desdobramentos da medicina humana para a medicina veterinária tem se tornado cada vez mais recorrente, fazendo suscitar debates que passam por outros segmentos da ciência, como estudos dos historiadores, antropólogos, sociólogos, filósofos e biólogos que pretendem entender as transformações históricas, sociais, culturais e biológicas causadas por essa proximidade entre humanos e não humanos. A perspectiva teórica metodológica tem como análise os periódicos que privilegiam as novas configurações do tema aqui proposto: humanos e não humanos. Considerando que as construções teóricas objetivadas também são fatos científicos criados. Temos concluído que esse fenômeno da proximidade entre humanos e animais, não somente tem modificado a composição do que entendemos como “social”, como

também trás benefícios para ambos, seja na convivência ou na descoberta de novos tratamentos que podem salvar vidas e modificar a história das doenças humanas.

Palavras-chave: antropologia; humanos e não humanos; medicina humana; medicina veterinária; doenças e tratamentos.

Introdução

A antropologia, desde o final do século XIX, privilegiou estudos e direcionou seus esforços em prol do entendimento da cultura e das relações sociais entre humanos. Para isso, em seu exercício intelectual, optou por observar características que proporcionassem o entendimento da dinâmica dos grupos sociais ou do comportamento e, assim, orientou-se como antropologia social ou como antropologia cultural, respectivamente. Para tal, se utilizou de um olhar etnográfico através da observação sobre os costumes, as crenças, os hábitos, as estruturas, as funções e outras manifestações da humanidade apresentadas sob as expressões de grupos específicos.

Duas importantes correntes, os evolucionistas e os culturalistas, a partir do século XVIII e XIX estabeleceram suas teorias defendendo abordagens que privilegiavam os aspectos culturais e/ou aspectos biológicos na interação social. Contudo, em 1917, Alfred Kroeber rompeu todos os laços entre o cultural e o biológico, ao publicar o artigo “Superorgânico”, nos termos de Laraia:

Completava-se, então, o processo iniciado por Lineu. Tylor e Kroeber ampliaram, ainda mais, o distanciamento, entre domínios culturais e as biológicas. O anjo caído foi diferenciado dos demais animais por ter a seu dispor duas notáveis propriedades. A possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Em suma a nossa espécie tinha conseguido, no decorrer da evolução, estabelecer uma distinção de gênero e não apenas de grau em relação aos demais seres vivos. (LARAIA, 2005, p. 331).

De tal maneira, no decorrer dos anos seguintes a antropologia se distanciou das teorias biológicas e rejeitou “qualquer ligação com o naturalismo”, adotando como paradigma central a oposição natureza/cultura que serviu como modelo conceitual que passou a orientar a maioria dos seus discursos, ao menos, até a manifestação de Lévi-Strauss na década de 1950, como se verá adiante. Porém, ao assumir essa dualidade homem/animal, cultura/natureza, a antropologia deparou-se

com o óbvio, isto é, o homem não é composto por duas fatias sobrepostas “uma bionatural e a outra psicossocial; é evidente que ele não é atravessado por qualquer muralha da China separando sua parte humana de sua parte animal; é evidente que cada homem é uma totalidade biopsicossociológica”. (MORIN, 1975, p. 22)

Contudo, a antropologia não adotou essa perspectiva epistemológica e privilegiou a dimensão cultural desse par dual. Assim, em que pese o valor etnográfico dos trabalhos desenvolvidos sobre populações indígenas e rurais, a natureza permaneceu subordinada em termos epistemológicos. No entanto, para a própria biologia ainda na metade do século XX essa relação era inexplicável, tal “incapacidade da biologia leva-nos a compreender, não, por certo, a anestesia da antropologia em face do problema, mas sim sua impotência no que se refere a solucioná-lo”. (MORIN, 1975, p.23) Sendo assim, a antropologia passou a definir suas abordagens especificamente pela antropologia cultural e social, associando aspectos físico-biológicos a fatores da vida social (RAPCHAN, 2005).

Porem, as “revoluções” ocorridas no campo da Biologia, da Ecologia e da Etologia contribuíram para diversas modificações em relação à produção de conhecimento sobre o assunto. Wiener em 1948 com a cibernética e Shannon com a teoria da informação em 1949, abriram “uma perspectiva teórica aplicável simultaneamente às máquinas artificiais, aos organismos biológicos, aos fenômenos psicológicos e sociológicos”, e, “um pouco mais tarde, em 1953, o esforço marginal da biologia molecular conseguiu realizar a brecha decisiva que abre a biologia para “baixo”, pela descoberta da estrutura química do código genético”. (MORIN, 1975, p. 24). Tais descobertas contribuíram e possibilitaram para a antropologia reacender os debates em torno da natureza e cultura, de tal maneira, que “a natureza já não é desordem, passividade, meio amorfo: é sim, uma entidade estanque em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, em relação de autonomia/dependência organizadora no seio do ecossistema.” (MORIN, 1975, p. 31)

Assim, o distanciamento frente às teorias biológicas foi rompido e em meados dos anos de 1970 a antropologia biológica, a sociobiologia, os estudos sobre comportamento animal, a psicologia evolucionista e também a antropologia social retomaram os debates sobre as fronteiras do biológico e do cultural. (RAPCHAN,

2005). Esse distanciamento entre as abordagens, apesar de rompido tardiamente, proporcionou que o tema da humanidade, peculiar da antropologia, se tornasse aberto para novos estudos, debates e diálogos. Nesse sentido eis as palavras de Edgar Morin no que se refere às abordagens: “Existe, pois, não uma categorização rígida e uma fronteira clara entre o biológico, o social e o individual, mas sim ao mesmo tempo, unidade e pluralidade, confusão originária e distinção nos desenvolvimentos”. (MORIN, 1975, p.45)

Diante dessa perspectiva atual, o antropólogo Tim Ingold não somente reacende o debate entre natureza e cultura, mas propõe uma nova abordagem às teorias antropológicas, propondo que o objeto central da antropologia não precisa necessariamente ser a humanidade, nem é preciso construir a categoria humano a partir da negação de outro, especificamente, um outro animal. Assim o autor coloca as análises antropológicas sob novas perspectivas.

Primeiramente, a análise da relação entre humanos e não humanos passa a ser legítima e de grande relevância pela via da relação natureza/cultura, já que coloca em relevo o fato de que elementos naturais ou não, até então considerados exclusivamente humanos, ou humanizados, podem ser compartilhados por não humanos. Segundo, esse debate gera graus diferentes de inquietude, por um lado “existe um forte conteúdo emocional subjacente em nossas idéias sobre animalidade”, por outro, “essas idéias, quando submetidas ao escrutínio crítico, relevam aspectos altamente sensíveis e bastante inexplorados da compreensão sobre a nossa humanidade”. (INGOLD, 2007, p. 130)

Por esses motivos, Ingold afirma que esse campo de investigação é potencialmente inesgotável, propício e rico em contribuições para análises no que se refere a estudos sobre natureza e cultura, humanos e não humanos e humanidade e animalidade. (INGOLD, 1994) Nas palavras do autor essa abordagem:

Sugere que a fronteira entre a espécie humana e as demais espécies do mundo animal não é paralela, mas que, na verdade, ela cruza as fronteiras entre humanidade e animalidade como estados do ser. Por isso mesmo, não se pode pretender que as abordagens do campo das humanidades sejam únicas apropriadas à compreensão das questões referentes aos seres humanos, e que as vidas e os universos dos animais não-humanos sejam totalmente esgotadas pelo paradigma da ciência natural. (INGOLD, 1989, p.496).

Sendo assim:

Uma consequência dessa pressuposição é que, enquanto as ações humanas são geralmente interpretadas como produtos de desígnio intencional, as ações dos outros animais – mesmo que ostensivamente semelhantes por sua natureza e consequências – costumam ser explicadas como resultado automático de um programa comportamental instalado. (INGOLD 1988, p.6). Certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos. (INGOLD, 1994, p. 10)

De tal maneira, A relação de proximidade entre humanos e animais hoje considerados de estimação, que é o tema desse projeto, vem de longa data, “uma pesquisa mais recente do DNA dos cães provou que seres humanos e cachorros podem estar convivendo há mais de cem mil anos”. (GRANDIN; JOHNSON, 2006, p. 185-186). Para Ingold a diferença que atribuímos aos animais de estimação é pautada nas ações dos humanos para com os animais de estimação, pois atribuem a eles intenções e propósitos.

Esse processo também contribuiu para que esses animais sejam incorporados à vida das pessoas de modo a tornarem-se centrais no novo arranjo familiar, ou seja, essa relação tornou-se parte do cotidiano e não há questionamentos sobre os contornos da chamada “domesticação” dos animais de estimação e do lugar que passaram a ocupar na composição do social. Assim, podemos levantar como hipótese que essas relações estão totalmente estruturadas, porém há uma dualidade, pois esses animais elencados para a domesticação ora fazem parte da composição do que a antropologia chama de social, ora são parte da natureza. Talvez a resposta dessa dupla face da relação se encontre no processo de humanização dos animais no decorrer da história.

Uma análise histórica nos permite analisar a trajetória dos animais domésticos como cães e gatos e encontrar as mudanças ocorridas no decorrer dos séculos recentes. De acordo com Robb, em a *Descoberta da França*:

Segundo o censo de 1866, 60 milhões de mamíferos domésticos e uma infinidade de animais selvagens compartilhavam a terra e a vida de pessoas e exerciam uma influência profunda, embora impossível de calcular, na existência humana. Esses animais também descobriram a França e possibilitaram a exploração. Muitos deles apressaram as mudanças que os excluíram da história francesa. (ROBB, 2010, p.202).

Assim, animais de várias espécies foram de extrema importância para o descobrimento do território francês, entre a revolução francesa e a primeira guerra

mundial. Cães extremamente treinados e habilidosos, com capacidade de se deslocarem de um vilarejo para outro, passando despercebidos por barreiras fiscais muito comuns naquele período onde todos poderiam significar ameaça ao país. Esses animais eram incrivelmente corajosos, capazes de fazer esconderijos e disfarces, parecendo até mesmo, um exército muito bem treinado. E no final quando cumpriam sua tarefa de atravessar um vilarejo e entregar suas encomendas, ganhavam uma recompensa, já que compartilhavam dos mesmos hábitos alimentares que os humanos.

Animais com utilidade notável, onde, por exemplo, “em muitas partes da França a mão-de-obra canina foi vital para a primeira fase da revolução industrial”. (ROBB, 2010, p.205). Tais cães pareciam familiarizados com a rotina nas fábricas, nas carroças, na entrega de leite, na arte nas ruas, eram batizados nas igrejas, adaptando-se bem ao trabalho, suportando cargas horárias pesadas tanto ou mais elevadas do que a dos humanos, tais animais por mais incrível que pareça poderiam ter opções do que seriam. (ROBB, 2010)

De tal maneira, esses personagens foram uma incógnita do ponto de vista de um consenso sobre a natureza e as habilidades de sua espécie e o caráter desses vínculos criado com os humanos. Mas, para Robb, os “cães contrabandistas do norte da França são uma raça extinta tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista genético.” (ROBB, 2010, p.205). Contudo, a humanização do animal tornou-se parte do cotidiano se observarmos a relação do humano com os animais domésticos. Assim, pensando os animais do descobrimento da França, que por sua vez foram humanizados para tornarem-se úteis para a sociedade, anos mais tarde, passam a ter outro tratamento, “em meados do século XIX, começou a prevalecer uma visão sentimental no reino animal, centrada no bicho de estimação. Com ela, surgiu a noção de que os camponeses que dependiam dos animais na vida cotidiana invariavelmente os tratavam com crueldade.” (ROBB, 2010, p.209).

Keith Thomas (2010) produziu algo semelhante em relação à história britânica, entre os séculos XVI e XIX. Talvez não por acaso, ambos os autores tratem justamente do período de gestação e constituição da modernidade e de suas conseqüências sobre duas das sociedades que figuram entre os atores mais dramáticos desse processo: França e Inglaterra.

Ao mesmo tempo, no século XXI os animais passam a estabelecer outras relações de proximidade no convívio com os humanos, mas a esfera de ação dos animais hoje comparada com aqueles “animais” citados por Robb é minúscula (ROBB, 2010, p.205). Podemos levantar alguns questionamentos sobre essa relação dos animais com os humanos, hoje no século XXI esses animais são totalmente passivos? Ou eles são atores nessa relação com os humanos, sendo capazes de modificar os agentes envolvidos?

De acordo com pesquisas recentes realizadas pela Anfal Pet (Associação dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação) e pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o Brasil tem 27,9 milhões de cães e 12 milhões de gatos e, nos últimos quatro anos houve um aumento de quase 18% nessa população canina e felina e nos dias atuais há um cão para cada seis habitantes e um gato para cada 16 habitantes. Podemos assim afirmar que boa parte da população humana brasileira possui algum companheiro doméstico no seu convívio, hoje os animais compartilham de hábitos, casas, alimentação, problemas de saúde – como depressão e obesidade – necessidades e tecnologias humanas.

Verifica-se, assim, a ocorrência de um desdobramento da medicina humana para a medicina veterinária. Surgem novos diagnósticos que proporcionam um novo estilo de vida e sinalizam modificações tanto nas representações que fazemos dos animais de estimação quanto das relações que estabelecemos com eles. Um dos indícios disso é a adoção de tratamentos antes somente usados em humanos para diagnosticar e curar animais não humanos.

Há, também, outras series de transformações e desdobramentos verificáveis nas relações entre humanos e animais de estimação, como alvos de disputas judiciais e também estimulando o surgimento de associações, ONGS, congressos, publicações, laboratórios farmacêuticos, ações governamentais e partidárias, políticas públicas e locais, a produção de mídia. Ou seja, os pets aparecem, nesses contextos, como atores de uma rede complexa, se interligando ou não e fazendo conexões com muitas esferas (LATOIR, 2015).

Dito de tal maneira é possível verificar a amplitude desse fenômeno e prevemos que as “transformações” ocorridas no âmbito da humanidade, não

acompanhadas pela antropologia, colocadas por Ingold, são hoje objetos de estudo. Sendo assim, “a questão emergente no debate antropológico diz respeito ao lugar que esses animais passaram a ocupar na maneira como temos descrito aquilo que entendemos como composição do social”. (SEGATA, 2012) De acordo com o antropólogo Jean Segata, essa sensível e controversa convivência vem reconfigurando às relações humanas. De tal modo, os humanos estão se relacionando com os animais não humanos de maneira naturalizada. Em contextos urbanos, os animais domésticos parecem estar passando por metamorfoses e, em várias perspectivas distintas, passam a não ser mais vistos como animais. Ao contrário, vivem com humanos dentro de lares durante boa parte de suas vidas partilhando espaços, convívio, atividades, discursos e afetos.

Esse elo entre os humanos e os animais tornou-se tão forte que deixou de ser debate exclusivo da medicina veterinária, abarcando discussões que passam por outros segmentos da ciência e fazem parte do debate dos estudos dos antropólogos, sociólogos, filósofos e psicólogos, que pretendem entender as transformações sociais, culturais e biológicas causadas por essa proximidade entre humanos e esses animais não humanos.

Diante de tal panorama pode-se engendrar várias questões: O que uma pesquisa sobre a relação de humanos e não humanos pode acrescentar à teoria antropológica? A domesticação é o termo usado para definir a ação do humano para com os animais de estimação, essa é a palavra mais apropriada para essa relação? Partindo da hipótese de que esses animais não são passivos, os animais também não estão modificando os humanos nessa relação? Como essa proximidade entre as espécies proporcionou a construção social da saúde animal e como essa permite o controle de zoonoses em benefício da saúde humana? Pelo exposto, as grandes questões que se coloca são: como o uso de medicamentos humanos é usado em animais e ao mesmo tempo em humanos? Como os equipamentos e as técnicas criadas para a realização de exames e tratamentos para atendimento humano, passaram a aparecer no uso veterinário? Como se dá a existência do estabelecimento de paralelismo entre problemas psicológicos/psíquicos /comportamentais verificados em humanos e animais não humanos – animais de estimação –?

Visando responder tais indagativas, essa pesquisa apresenta-se como um estudo aprofundado a respeito da produção científica da medicina veterinária e da etologia que envolve a relação dos humanos com os animais de estimação. Buscaremos identificar como se deu a intensificação e a proximidade dessas espécies e como isso gerou um desdobramento da medicina humana para a medicina animal, através da medicalização, dos diagnósticos e dos tratamentos, objetivando produzir resultados que contribuam de forma construtiva com as reflexões da antropologia.

Justificativas

Os animais domésticos fazem parte dos lares e do novo cenário urbano na sociedade contemporânea. Tornaram-se capazes de modificar a rotina de humanos, sendo hoje, considerados de grande importância. A própria medicina humana foi desdobrada para a medicina veterinária, proporcionando o acesso a tratamentos sofisticados antes somente dos humanos como técnicas cirúrgicas, exames diagnósticos e tratamentos que incluem medicamentos manipulados e homeopatia. Tais animais são, também ícones de bandeiras de movimentos em prol de direitos, objetos centrais das ações das ONGS, movimentam políticas públicas e locais, mercados de consumo e de capital, pesquisas científicas e até mesmo uma vasta literatura voltada para cuidados e alimentação do seu companheiro de estimação.

Dada a importância assumida pelos animais de estimação nesses contextos e sua conseqüente relevância na vida dos humanos, já que cada vez mais os primeiros são participantes na rotina dos últimos, o conhecimento e estudo das complexas relações entre humanos e animais de estimação abrem possibilidades de ampliar nossa compreensão sobre as fronteiras entre humanidade e animalidade e, também, sobre a dinâmica desses vínculos na construção das relações sociais.

Assim, tendo em mente a proposta interdisciplinar de Edgar Morin, pretende-se no presente projeto, E através de uma perspectiva antropológica, dialogar com áreas do conhecimento nas quais as pesquisas sobre humanos e não humanos, especificamente, animais de estimação encontram-se avançadas em termos de produção e consumo de tecnologias voltadas para a saúde. Assim, os estudos apreendidos por meio da antropologia da ciência, da medicina veterinária, da

etologia e de outras áreas, onde representam espaços diversos que contribuirão para o debate do nosso objeto de pesquisa: A saúde dos animais de estimação em relação à saúde humana.

Noutra via, pode-se notar que os esforços empregados pela antropologia nesse tema recente, demandam trabalhos de pesquisas no campo que estamos propondo, de tal maneira torna-se um campo propício à reflexão e ao conhecimento. Pois de acordo com Tim Ingold, os antropólogos: “permanecem apegados a uma visão dualista da humanidade: em parte natureza, em parte cultura.” (INGOLD, 1994, p.15) Mas Ingold propõe que essa dicotomia deve ser rompida, afirmando:

Acredito que nosso problema principal seja resolver esse dilema, reconciliar a continuidade do processo evolutivo com a consciência de vivermos uma vida que se coloca além do meramente animal. Isso não pode ser realizado pela redução do estudo da humanidade seja a uma pesquisa da natureza e evolução da espécie *Homo sapiens*, seja a uma investigação da condição humana conforme manifestada na cultura e na história. Nossa meta deveria ser transcender a oposição entre essas concepções que tem se mantido tradicionalmente como territórios exclusivos da ciência natural e das humanidades. Em outras palavras, precisamos estudar a relação entre a espécie e a condição, entre seres humanos e ser humano. (INGOLD, 1994, p.15)

Tais dificuldades epistemológicas têm sido enfrentadas pela Antropologia “e permitem colocar as questões que não se colocavam em outra época, variar as perspectivas, estudar objetos novos.” (LAPLANTINE, 2011, p.168). Assim sendo, percebe-se aqui a importância e a relevância desse debate entre humanidade e animalidade, pois ele nos coloca uma possibilidade de ampliação do entendimento sobre as fronteiras e a redefinição dos limites entre natureza/cultura e biológico/social. A contribuição desse projeto reside numa abordagem que contempla a análise de humanos e daqueles tão quase humanos, partindo da concepção de que existe algo entre eles que permite à aproximação, a desconstrução, a purificação, a naturalização, e a socialização de uns e de outros. (LATOUR, 2015; LATOUR & WOOLGAR, 1997).

Portanto, a relevância do tema nos possibilita trilhar caminhos diversos que nos levam a questionamentos a respeito dessa chamada humanização dos animais de estimação. Esta pesquisa tem finalidade, por meio de um trabalho bibliográfico seguido de análise teórica oferecer subsídios para discussões teóricas da antropologia, fornecendo assim elementos para o desenvolvimento da etnografia no

futuro como continuidade desse projeto no próximo ano. De tal maneira, levantaremos pontos polêmicos do debate sobre as práticas contemporâneas da medicina veterinária, como as doenças psíquicas, a medicalização, os exames e cirurgias, nutrição, alimentação e outras questões que servirão de parâmetros para a problematização da etnografia. Assim, o conhecimento agregado pela pesquisa bibliográfica proposta nesse projeto visa acumular saberes sobre o tema e sobre possíveis caminhos para construção de objetos empíricos e antropologicamente válidos.

Diante disso, uma abordagem pela perspectiva relacional pode proporcionar uma pesquisa interdisciplinar, ou seja, um diálogo com diversas áreas do conhecimento, a fim de que o projeto traga um resgate do que foi proposto por Morin, onde:

A antropologia fundamental deve rejeitar toda e qualquer definição que faça o homem uma entidade, seja, supra-animal, seja estritamente animal; ela deve reconhecer o homem como ser vivo para distingui-los dos outros vivos, ela deve ultrapassar a alternativa ontológica natureza/cultura. Nem o panbiologismo, nem panculturalismo, mas sim uma verdade mais rica, que dê a biologia humana e à cultura humana um papel mais importante, já que é um papel recíproco de uma sobre a outra. (MORIN, 1975, p.199).

Objetivos

Objetivo Geral: Este trabalho tem como objetivo identificar, classificar, e analisar as principais tendências das pesquisas científicas da medicina veterinária e da etologia que envolvem questões relacionadas a humanos e animais de estimação, em diferentes dimensões, sendo elas: doenças, medicalização, tratamentos e comportamentos. De tal maneira, a pesquisa propõe o debate entre essas áreas para repensar as categorias humano e não humano e as definições em torno dessa relação, tendo como enfoque a discussão sobre humanidade e animalidade, natureza e cultura, biológico e social, e principalmente utilizando de teorias que possam oferecer clareza e sustentar uma ampla discussão a respeito dos animais de estimação.

Objetivos Específicos: Levantamento e análise minuciosa das pesquisas nacionais e internacionais publicadas nos últimos 15 anos em periódicos de grande impacto principalmente na etologia e na medicina veterinária. O material será selecionado a partir de critérios que identifiquem nos títulos, resumos, palavras-

chave ou corpo do texto expressões que sinalizem as relações dos animais com os humanos na vida social, ligados a temas correlatos como: Humanos-não humanos, cultura-natureza, animalidade-humanidade, domesticação, doenças, zoonoses, medicalização, tratamentos, diagnósticos e tecnologias. O resultado obtido será tratado analiticamente a partir de referências teóricas e perspectivas da antropologia e em particular a antropologia que propõe abordagens relacionais.

Resultados

A análise dos artigos da medicina veterinária vem confirmando as hipóteses levantadas nessa pesquisa. Essa partilha entre humanos e animais não está, somente, posta no universo cultural, mas também nas equivalências biológicas que permite o desdobramento da medicina humana para a veterinária. Assim é possível localizar o compartilhamento de tratamentos e medicalização usada antes somente por humano agora encontrado nos diagnósticos dos laboratórios dos médicos veterinários. Esse partilhamento não está centrado somente no consumo de roupas, estética, alimentação, casas e nomes de humanos, mas também nos padrões biológicos que em determinadas situações, como a das doenças, são iguais. Temos problemas renais, má alimentação que resulta em algumas doenças e um cérebro com reações neuroquímicas que dependendo do processo resulta em desequilíbrio gerando estresse e muitos outros problemas que também são encontrados nos animais de estimação. Em sentido amplo a relação também é benéfica para os humanos já que o uso de animais em pesquisas laboratoriais permite o avanço da medicina humana em um sentido que pode até mesmo modificar a história das doenças humanas. Essas relações em outro aspecto também estabelecem uma relação simbólica com esses animais, permitindo a proximidade e o afeto.

Referências

- GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **Na Língua dos Bichos: Usando os mistérios do autismo para decodificar o comportamento animal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- HIDEN, Joyce; SANTOS, Welington. **Benefícios Psicológicos da Convivência com Animais de Estimação para os Idosos.** ÁGORA: revista de divulgação científica, v.16, n. 2(A), Número Especial: I Seminário Integrado

de Pesquisa e Extensão Universitária. Disponível em <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo_amigos.html>.

Acesso em: 26 de maio. 2015.

- INGOLD, Tim. "Humanity and Animality", In: Tim Ingold (Ed.), **Companion Encyclopedia of Anthropology**: London, Routledge, 1994, pp. 14-32
- INGOLD, Tim. **Introdução a O que é um animal?** Antropolítica, Niterói, n.22, p. 129-150, 1. sem. 2007.
- LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LARAIA, Roque de Barros. Da ciência biológica à social: A trajetória da antropologia no século XX. **HABITUS**, Goiânia, v.3, n.2, p. 321-345, jul./Dez.2005.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**, Salvador: EDUFBA,2015.
- LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. **Vida de laboratório**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- SEGATA, Jean. **Os cães com depressão e os seus humanos de estimação**. Anuário Antropológico/2011-II, 2012:177-204.
- RAPCHAN, Eliane Sebeika. Chimpanzés possuem cultura? Questões para a antropologia sobre um tema "bom para pensar". **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2005, v.48, n° 1.
- ROBB, Graham. **A descoberta da França**: Uma jornada histórico-geográfica da revolução á primeira guerra mundial. São Paulo: Editora Record, 2010.
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e animais (1500 – 1800). São Paulo: Cia. das Letras, 2010.